

COR, MEMÓRIA E PALAVRA: A ESCREVIVÊNCIA E OS CAMINHOS IDENTITÁRIOS DE FILHOS DE CASAIS INTER-RACIAIS

KAROLINE PEREIRA DUARTE¹; ROCHELE DIAS CASTELLI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – karolinedua@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rochele_castelli@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as dinâmicas familiares em contextos inter-raciais, com ênfase nos atravessamentos raciais, afetivos e sociais que configuram tais experiências. A área de conhecimento situa-se no campo da Psicologia, e os Estudos Raciais, visando compreender os efeitos das hierarquias sociais de cor e raça no âmbito privado das relações familiares. A problematização deste estudo parte, não só da minha experiência com o tema, mas também da necessidade de refletir sobre as tensões entre cor e amor, conforme explicita SCHUCMAN (2014), ao investigar como as desigualdades raciais se reproduzem no interior das famílias. Do ponto de vista teórico, me apoio em autores como FANON (2008) e KILOMBA (2019), que analisam as implicações do racismo cotidiano e seus efeitos na subjetividade. Os objetivos centrais concentram-se em identificar os principais desafios enfrentados por filhos de famílias inter-raciais e discutir como estes impactam na sua formação identitária, a dinâmica afetiva e os processos de socialização.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e toma a escrevivência, proposta por Conceição Evaristo (2005), como base metodológica e epistemológica. A escrevivência não é apenas escrita de si, mas um movimento que conecta experiência pessoal e dimensão coletiva, reconhecendo a subjetividade como lugar legítimo de produção de conhecimento. É nesse sentido que minha trajetória, como mulher negra, filha de um relacionamento inter-racial e criada em uma família branca, torna-se também uma lente crítica, ética e política para interpretar o mundo (Bispo, 2023; Kilomba, 2019).

O estudo será desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica crítica e interpretativa, entrelaçando memórias, afetos e narrativas às reflexões de autoras

e autores como Schucman (2018), Bento (2022), Kilomba (2019), Fanon (2008), Souza (1983), Munanga (1999), entre outros. O esforço de escrita busca tensionar o vivido com o lido, perguntando como se constroem sentidos de identidade, pertencimento e subjetividade em contextos familiares inter-raciais.

Nessa direção, a escrevivência se configura como denúncia e resistência: ela transforma experiências particulares em narrativas coletivas, recusando a pretensa neutralidade científica e reinscrevendo na Psicologia um saber comprometido com memória, identidade e a crítica ao silêncio produzido pelo privilégio branco (Evaristo, 2005). Mais do que registro pessoal, ela revela dimensões sociais, políticas e afetivas do sofrimento psíquico, abrindo caminhos para uma escuta clínica mais crítica, inclusiva e valorizando a subjetividade da pessoa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, a pesquisa encontra-se em fase de levantamento teórico e construção da análise inicial. Foram realizadas leituras de autoras e autores centrais para o tema, como Lia Vainer Schucman (2018), Grada Kilomba (2019), Neusa Santos Souza (1983), Conceição Evaristo (2000), Cida Bento (2022), Kabengele Munanga (2004), Frantz Fanon (1952) e Elizabeth Hodge-Freeman (2018).

Essas obras permitem observar que os conflitos raciais no interior das famílias inter-raciais se expressam por meio de silenciamentos e tensões afetivas que repercutem diretamente na autoimagem e autoestima de sujeitos negros. A escrevivência, enquanto metodologia, tem se mostrado uma ferramenta importante para articular vivências pessoais e coletivas com a literatura acadêmica, evidenciando como a dimensão subjetiva da identidade racial pode ser narrada e ressignificada.

Os resultados parciais indicam que o ambiente familiar é um espaço de contradições: ao mesmo tempo em que constitui um lugar de afeto, também pode funcionar como um território de reprodução do racismo estrutural, ainda que de

forma sutil. Esse movimento se reflete na formação do pertencimento racial e na elaboração da subjetividade dos filhos de casamentos inter-raciais.

A análise inicial evidencia, portanto, a necessidade de ampliar o olhar clínico na psicologia para compreender como tais experiências atravessam a constituição identitária desses sujeitos. As obras analisadas, apontam que, ao articular narrativas pessoais às produções acadêmicas, torna-se possível dar maior visibilidade a histórias de sofrimento e resistência, contribuindo para a construção, até mesmo para uma escuta psicológica mais atenta às especificidades raciais.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho evidencia que as famílias inter-raciais constituem espaços singulares de subjetivação, atravessados por dimensões raciais, afetivas e históricas que marcam profundamente a constituição identitária. A partir da escrevivência, compreendida como eixo metodológico e epistemológico, articula-se a minha experiência enquanto filha de uma família inter-racial, trago reflexões teóricas presentes em obras de Conceição Evaristo, Lia Vainer Schucman, Grada Kilomba, Frantz Fanon, Neusa Santos Souza, entre outros. Esse entrelaçamento entre memória e bibliografia revelou tensões, silenciamentos e resistências, denunciando o modo como o racismo estrutural atravessa tanto os espaços íntimos quanto os sociais. Ao reconhecer que a subjetividade também é um campo legítimo de produção de conhecimento, a Psicologia é convocada a ampliar suas ferramentas teóricas e clínicas, valorizando narrativas que afirmam experiências silenciadas. Assim, este estudo contribui para a construção de uma Psicologia plural, crítica e comprometida com a valorização das subjetividades de filhos (as) de casais interraciais. Ele abre espaço para que nossas histórias sobre identidades possam ser compartilhadas e reconhecidas, tanto dentro das nossas famílias quanto no ambiente clínico psicológico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Organização de Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. ISBN 978-65-992547-0-3.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Londres: Pluto Press, 2008.
(Pluto Classics).

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Redisputando a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PINK, Daniel H. *Motivação 3.0: os novos fatores motivacionais para a realização pessoal e profissional*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

SANTOS SOUZA, Neusa. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. São Paulo: Veneta, 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*. Salvador: EDUFBA, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.